

O *objecto* e a definição de valores aspectuais*

Susana Gomes Pereira

Escola Superior de Educação de Lisboa

A partir da análise de dados do português europeu, pretende-se, nesta comunicação, caracterizar o *objecto*, tendo em conta a sua relação com predicadores verbais de natureza diferenciada.

Admitindo que a identificação de comportamentos específicos, decorrentes da relação V-*objecto*, pode ser interpretada como representando contrastes de natureza aspectual, procurar-se-á estabelecer uma correlação entre os valores aspectuais construídos nos enunciados e as diferentes formas de nominalização deverbal¹ que lhes podem ser associadas.

Dado que o valor aspectual resulta da interacção de factores de ordem diversa, é necessário considerar simultaneamente: a natureza aspectual do predicador verbal, a relação que se estabelece entre este e os seus argumentos e os valores de determinação nominal que afectam estes últimos. Considerar de forma integrada estes diversos factores implica assumir uma análise que permita ter em conta a interdependência entre a determinação nominal e a determinação verbal na construção do valor aspectual de uma determinada situação (cf. Franckel & Paillard, 1991; Campos, 1997; Correia, 2002).

Em particular, neste trabalho, parte-se da ideia de que dependendo da forma como se estabelece a relação entre o *objecto*, ou C_1 ² e o predicador verbal, e de como são determinadas as suas ocorrências, a situação construída pode apresentar um funcionamento discreto, denso ou compacto,³ como ilustram, respectivamente, os exemplos em (1)-(3):

* Este trabalho inscreve-se num projecto de investigação financiado pelo programa Prodep III – Ministério da Educação/Fundo Social Europeu (Projecto 05.03/LVT/00181.010/02).

¹ O termo 'nominalização deverbal' é usado em sentido lato, em detrimento de uma formulação mais rigorosa como a de 'nomes lexicalmente relacionáveis com outras categorias', proposta por Brito (2003). Acresce referir que este trabalho não beneficia, neste momento, de uma perspectiva morfológica, seguramente imprescindível para avaliar as possibilidades de nominalização disponíveis em português.

² A noção de *objecto* é aqui entendida, de uma forma neutra, como sinónimo de C_1 , "Le C_1 ne désigne par lui-même rien d'autre que le terme qui complète un schéma syntaxique occupé par un verbe, sans rien préjuger des relations qu'il entretient avec lui" (Franckel & Paillard, 1992: 30-31).

³ A análise em termos de formatação discreta-densa-compacta foi desenvolvida a propósito das características semânticas dos nominais e das suas relações com a determinação nominal. A aplicação desta análise ao domínio verbal está relacionada, em alguns textos, com a preocupação de determinar o estatuto semântico e funcional do *objecto* (cf. Franckel *et al.*, 1988; Vogüé, 1989; Vogüé, 1991; Culioli, 1991-92; Franckel & Paillard, 1992; Campos, 1997; Pereira, 1999; Correia, 2002).

- (1) O João bebeu um café [em 2 segundos].
- (2) O João bebeu café [durante toda a tarde].
- (3) O João bebe.

A ocorrência dos adverbiais *em QN de T* e *durante QN de T*, entre parênteses rectos, permite contrastar de forma mais evidente os valores aspectuais construídos nos enunciados.⁴ Estes valores resultam da forma como são construídas as ocorrências das noções /beber/ e /café/.

Em (1), C_1 assume uma formatação de tipo discreto, de que a ocorrência do determinante *um* é marcador,⁵ constituindo-se como o construtor da ocorrência do predicado verbal *beber*. Esta relação entre o predicador e C_1 implica que na construção da ocorrência de /beber/ “é simultaneamente *delimitada*, isto é, *quantificada*, uma porção daquela actividade, fora de qualquer localização temporal em termos de duração. A quantificação da situação – ou *extensidade* – é determinada a partir do objecto [...] são os limites de C_1 que determinam os limites da actividade” (Campos, 1997: 187).⁶

Pelo contrário, em (2) C_1 apresenta uma formatação de tipo denso, não sendo construtor da ocorrência de /beber/. O valor construído pela determinação nominal indica que a ocorrência *café* instancia o lugar de C_1 da relação predicativa, mas não tem qualquer influência na definição da quantidade ou extensidade desta actividade. A construção da ocorrência da noção /beber/ tem como localizador a situação de enunciação, sendo a delimitação dessa ocorrência determinada pela localização espaço-temporal.

Em (3), a não explicitação de C_1 , associada ao tempo gramatical (Presente do Indicativo), resulta na construção de uma situação de tipo compacto. Neste enunciado não

⁴ Correia e Campos (2003) sintetizam nos seguintes termos o que distingue os tipos de funcionamento discreto-denso-compacto:

- (i) um enunciado tem funcionamento discreto quando representa uma situação delimitada/quantificada intrinsecamente;
- (ii) um enunciado tem funcionamento denso quando representa uma situação homogênea, cujo término é construído extrinsecamente;
- (iii) um enunciado tem funcionamento compacto quando representa uma ocorrência qualitativa da propriedade, da qual se pode predicar o grau ou a intensidade, mas não a existência.

⁵ O N *café* integra o conjunto de Ns, como, *vinho*, *água*, etc., sobre os quais se pode predicar a propriedade ‘bebível’, apresentando um funcionamento tipicamente denso. Neste caso, é o recurso a discretizadores que permite uma formatação de tipo discreto, no entanto, a realização linguística do discretizador, quando redundante, é apagada. Em (ii) a realização do discretizador torna-se obrigatória, na medida em que a sequência ‘dois vinhos’ seria preferencialmente interpretada como dois tipos de vinho distintos:

- (i) O João bebeu dois cafés.
- (ii) O João bebeu ?dois vinhos / dois copos de vinho.

⁶ Naturalmente que os valores referenciais resultantes da localização de $\langle r \rangle$, relativamente a Sit, vão interagir com os valores referenciais construídos no interior da relação predicativa: a delimitação-quantificação nocional do predicado, feita a partir de C_1 , e a localização situacional da relação predicativa constituem uma dupla determinação. Neste sentido a construção da ocorrência de /beber/ é feita a partir de dois pólos independentes: C_1 e Sit.

é construída uma ocorrência de *beber*, C_0 constitui-se como suporte da atribuição de uma propriedade, que pode ser glosada por “o João é alcoólatra”.⁷

A ausência de objecto em (3) poderia sugerir que esta seria a única forma de realizar uma predicação sobre C_0 , no entanto, em enunciados como (4), em que a noção /*café*/ assume uma formatação de tipo denso, a glosa mais plausível parece ser ‘o João foi / é “bebedor” de café’:⁸

- (4) a. O João bebeu café até o médico o proibir.
b. O João bebe café.

Perante os contrastes acima descritos, constata-se que o *objecto*, ou C_1 , na relação que estabelece com o predicador verbal, apresenta características específicas decorrentes quer das formas de determinação nominal, quer da relação que estabelece com modificadores. Estas características têm sido particularmente evidenciadas por propostas que procuram distinguir o comportamento das nominalizações deverbais (cf. entre outros, Mourelatos (1978); Brito (1996); Correia (2002)).

Particularmente, no quadro da TFE, Correia (2002: 325) analisa as nominalizações deverbais como Ns que apresentam o mesmo funcionamento dos predicados de que derivam, assumindo que “(...) existe uma interdependência entre as diferentes formas de nominalização de verbal e o valor aspectual dos predicados que estão na base dessas nominalizações, sendo igualmente evidente que essas nominalizações vão ter comportamentos sintáctico-semânticos diferentes quando ocorrem como núcleos de sintagmas nominais, seleccionando ou não complementos à sua direita, bem como determinantes diferentes.”.

O conjunto de dados apresentado em (5)-(7), ilustra essas diferenças (que não desenvolvo aqui, remetendo para Correia (1999) e Correia (2002)):

- (5) a. O João caiu.
b. O João deu uma queda.
(6) a. O João leu poemas na faculdade.
b. O João fez leitura de poemas na faculdade.
(7) a. O João gostou do casaco.
b. O João tem bom gosto.

Para além de se constatar que as nominalizações deverbais que ocorrem nos exemplos (b) apresentam o mesmo tipo de funcionamento que os enunciados respectivos em (a), é igualmente interessante notar que em cada caso o verbo que ocorre com a nominalização é diferente: *dar* no caso da ocorrência de tipo discreto, *fazer* no caso da ocorrência de tipo denso e *ter* no caso da ocorrência de tipo compacto.

⁷ Para Larjavaara (2000) a ausência de objecto no caso do verbo ‘boire’ constitui um caso particular de objecto latente, na medida em que o objecto não realizado é necessariamente interpretado como ‘bebida alcoólica’. Neste caso, “l’interlocuteur doit partager des savoirs extralinguistiques propres à la communauté linguistique pour identifier l’objet latent” (Larjavaara, 2000: 52).

⁸ Convirá salientar que a nominalização ‘bebedor’, que incide sobre C_0 , só é possível caso se opere uma partição do domínio nocional associado à propriedade predicada, como acontece nas sequências:

- (i) “um bom bebedor de vinhos” (Houaiss, & Salles Villar, 2003)
(ii) “Sou Bocage, Um Mariola!! Sou bebedor de café Nicola!!” (pacote de açúcar)

A ocorrência destes verbos em contextos deste tipo é geralmente referida como um funcionamento de verbo suporte (Vsup) por oposição ao funcionamento lexical ou de verbo pleno (Vpl).

Com o objectivo de definir uma unidade semântica subjacente às diferenças que exemplos como os apresentados em (8)-(11) manifestam, a análise proposta por Correia & Campos (2003) permite repensar a distinção tradicional entre Vpl e Vsup.

(8) O João deu um livro à namorada.

(9) O João deu um salto [mal ouviu o toque do telefone].

(10) O João deu saltos durante duas horas.

(11) O João deu o salto [para o Brasil quando começou a investigação policial].

Nestes exemplos, as ocorrências da noção /dar/ são formatadas de formas distintas:

- em (8) a situação de tipo discreto é construída a partir da delimitação operada por C_1 . Neste exemplo *dar* ocorre como Vpl;
- nos exemplos de (9) a (11) *dar* assume o estatuto de Vsup;⁹
- em (9), embora o lugar de C_1 seja instanciado por uma ocorrência de tipo discreto da noção /salto/, a situação construída assume uma formatação de tipo denso;
- em (10) o determinante zero associado à marcação de [+ plural] evidencia uma formatação de tipo denso da ocorrência da noção, assumindo a situação construída igualmente esse valor;
- finalmente, em (11) a ocorrência construída é de tipo compacto.

A análise das possibilidades de nominalização de *dar* a partir dos exemplos apresentados acima parece apontar para um funcionamento diferente deste verbo como Vpl ou como Vsup.

Retomando o exemplo (8), em que é construída uma ocorrência de tipo discreto do Vpl *dar*, verifica-se que é possível uma nominalização formatada a partir de C_1 , mas é excluída a possibilidade de nominalização a partir de C_0 :

(12) a. A dádiva do livro à namorada aconteceu na minha casa.

b. *O João foi dador de um livro à namorada.

No caso de as ocorrências de *dar* Vpl apresentarem um funcionamento denso, existe a possibilidade de a nominalização incidir sobre C_0 ou sobre C_1 , como acontece em (13):

(13) a. O João deu sangue [durante 2 anos].

c. A dádiva de sangue salvou muitas vidas.

b. O João foi dador de sangue.

Contudo, o exemplo em (14) parece pouco aceitável como paráfrase de “o João dá /deu livros escolares [aos irmãos]”:

(14) ?O João é / foi dador de livros escolares.

Uma possível justificação para este contraste poderá estar relacionada com o facto de em (14) ocorrer uma densificação de um discreto, enquanto em (13a) se trata de uma ocorrência da noção /sangue/, que tem preferencialmente uma formatação de tipo denso.

⁹ De acordo com Correia & Campos (2003), “(...) são verbos suporte os que ocorrem em enunciados com funcionamento denso e que integram predicados complexos (ou unidades semânticas complexas), em que o N é de natureza eventiva (...) São também verbos suporte os que integram expressões fixas e que apresentam funcionamento compacto (...)”.

Outra justificação, de carácter mais intuitivo, para a dificuldade de interpretação deste exemplo, pode estar relacionada com o facto de a situação construída não ser interpretada como uma actividade (devido a factores de natureza extralinguística), o que impossibilita a atribuição da propriedade /ser dador de livros/.

Com efeito, os exemplos em (15), não colocam qualquer problema de interpretação. A partir de uma situação de tipo denso é possível construir paráfrases com nominalizações que incidem quer sobre C_1 quer sobre C_0 :

- (15) a. O João vendeu livros escolares [durante 2 anos].
 b. A venda de livros escolares [decorreu durante dois anos].
 c. O João foi vendedor de livros escolares [durante dois anos].

A partir desta descrição, pode assumir-se que:

- uma situação de tipo discreto, delimitada a partir de C_1 , admite uma nominalização deverbal que incide sobre esse mesmo argumento C_1 – *dádiva* – e exclui a possibilidade de nominalização sobre C_0 – *dador do livro*.
- uma situação de tipo denso, desde que interpretável como uma actividade, admite as duas possibilidades de nominalização – sobre C_1 – ‘a dádiva de sangue’ – e sobre C_0 – ‘x foi dador de sangue’.

Contrastando com o funcionamento de *dar* como Vpl, pode observar-se, nos exemplos (16)-(18), que as ocorrências de *dar* como Vsup não admitem paráfrases com a nominalização *dádiva*, independentemente do valor da situação construída e da formatação de C_1 . Para além disso, a nominalização sobre C_0 é igualmente excluída.

- (16) *A dádiva do salto aconteceu mal o telefone tocou.
 (17) *A dádiva de saltos durou duas horas.
 (18) *A dádiva do salto para o Brasil aconteceu quando começou a investigação policial.

Uma possível explicação para este contraste, referida por Correia (2002: 243), a partir da proposta de Gross (1993), consistiria no facto de o SN que instancia o lugar de C_1 ser ele próprio um nome derivado. Neste sentido, a agramaticalidade dever-se-ia ao facto de haver uma dupla nominalização.

Não querendo discutir aqui esta questão, importa sublinhar a pertinência deste contraste para o entendimento do tipo de relação que se estabelece entre o predicador verbal e C_1 .

Neste sentido, a partir da constatação de que a relação predicador-argumentos C_0/C_1 assume um estatuto diferente em função do funcionamento de *dar* como Vpl ou Vsup, parece interessante alargar a análise a outros contextos, explorando a possibilidade /impossibilidade de ocorrência de nominalizações, assim como o seu funcionamento sintáctico-semântico.

A hipótese de que se parte, e que se pretende testar, é a seguinte:

- a relação que se estabelece entre o predicador verbal e C_0 e/ou C_1
- a natureza aspectual da situação construída

definem restrições para a ocorrência e interpretação das nominalizações deverbais, definindo inclusivamente se estas são formatadas a partir dos argumentos C_0 ou C_1 da relação predicativa.

1. Discussão de alguns casos

1.1. 'pintar'

Os exemplos (a) de (19) e (20) ilustram a construção de situações de tipo discreto e denso,¹⁰ respectivamente, e em (b) e (c) apresentam-se as possibilidades de nominalização:

- (19) a. O João pintou o muro em 2 h.
 b. A pintura do muro demorou 2h.
 (20) a. O João pinta automóveis.
 b. A pintura de automóveis é bem paga.
 c. o João é pintor de automóveis.

Como se pode observar, nestes exemplos, o comportamento de *pintar* é semelhante ao do verbo *dar* enquanto Vpl.

Deve referir-se que as nominalizações deverbais podem assumir outras interpretações. Nomeadamente, em (21) *pintura* é interpretada como o resultado do evento:

- (21) A Alice ofereceu-me esta pintura quando tinha três anos.

Esta interpretação de *pintura* enquadra-se na descrição que Brito (1996) apresenta para os nomes deverbais que podem ter interpretação eventiva ou resultativa, na medida em que para estes Ns a interpretação eventiva está dependente do contexto em que ocorrem.¹¹

A especificidade destes contextos de ocorrência e o possível estatuto destes nomes (coloca-se a questão de serem ou não nominalizações deverbais) não são considerados neste trabalho, sendo, no entanto, necessária a sua posterior integração numa análise mais centrada no comportamento das nominalizações.

1.2. 'odiar'

Ao contrário do que sucede nos exemplos considerados no ponto 1.1., a nominalização *ódio* parece ter um funcionamento totalmente distinto, não se relacionando nem com C_0 , nem com C_1 , como parece indicar a agramaticalidade dos exemplos (22b) e (23b):

- (22) a. O João odiou o congresso.
 b. ?O ódio do congresso pelo João foi notório.¹²

¹⁰ No caso do funcionamento denso, opta-se pela manipulação dos exemplos no Presente em vez do PPS porque o Presente tem a possibilidade de estabilizar a ocorrência da formatação densa de C_1 pela operação de percurso. Pelo contrário, o PPS, devido à sua propriedade de formatar ocorrências por si só, obriga à ocorrência de "durante QN de T" para assegurar a compatibilidade com a formatação densa de C_1 : o João pintou automóveis durante dois anos – o João foi pintor de automóveis durante dois anos.

¹¹ De acordo com Brito (2003: 333) esta possibilidade é reconhecida essencialmente para "nomes relacionáveis lexicalmente com verbos de "accomplishment" como *edificar, construir, etc.*". Veja-se igualmente Brito (1996); Brito & Oliveira (1997); Vilalva (2000).

¹² Este exemplo admitiria uma interpretação marginal, correspondente à glosa "o congresso odiou o João", na qual 'o congresso' – interpretado como uma entidade colectiva – instanciaría o lugar de C_0 e não de C_1 , como acontece no exemplo (22a). Repare-se que como paráfrase de (22a) apenas C_0 (*o João*), e não C_1 (*o congresso*), pode ocorrer como SP complemento imediatamente à direita de 'ódio': "O ódio do João [pelo congresso] foi notório".

- (23) a. O João odeia congressos.
 b. *O João é odiador de congressos.
 c. O João tem ódio a congressos.

No entanto, no exemplo (23c), a ocorrência do *Vsup ter* aponta para uma formatação da nominalização a partir de C_0 , visto que o que se predica neste enunciado é uma propriedade sobre C_0 . Este parece ser um funcionamento comum aos verbos que apresentam, independentemente da determinação de C_1 , um funcionamento compacto.

1.3. 'nadar', 'dormir', 'cantar'

Predicadores verbais como *nadar*, *dormir* e *cantar*, embora classificados tradicionalmente como verbos intransitivos, apresentam a possibilidade de construir situações de tipo discreto quando o lugar de C_1 é instanciado por uma ocorrência de tipo discreto.¹³

No entanto, coloca-se a questão de saber qual o papel de C_1 na formatação destas ocorrências, uma vez que, ao contrário dos casos discutidos anteriormente, surgem restrições no que respeita à determinação do N que pode instanciar esse lugar, como se observa no contraste entre (24a) e (25a):

- (24) a. *O João nadou a piscina em 2 minutos.
 b. *A natação da piscina demorou 2 minutos.
 (25) a. O João nadou 10 piscinas em 15 minutos.
 b. ?A natação de 10 piscinas demorou 15 minutos.

Embora em (25a) a quantificação do N permita a construção de uma situação de tipo discreto, a possibilidade de nominalização a partir desse argumento parece não ser possível. Com efeito, em (25b) mantém-se a estranheza de uma paráfrase com a nominalização.

O exemplo (26), revela igualmente um funcionamento distinto, na medida em que é possível a ocorrência de *10 piscinas* com o *Vsup fazer*, mantendo a interpretação 'o João nadou 10 piscinas', ao contrário do que acontece em (19b), por exemplo, onde a ocorrência da nominalização *pintura* é imprescindível para manter a interpretação do enunciado, i.e., 'o João fez o muro' não é interpretado como equivalente a 'o João pintou o muro'.

- (26) O João fez 10 piscinas em 15 minutos.

Por outro lado, a construção de uma predicação sobre C_0 apresenta restrições quando o lugar de C_1 é instanciado pelo SN *piscinas*, na medida em que a nominalização apenas parece ser possível nos casos em que: não há ocorrência de C_1 (*O João nada*) ou C_1 é instanciado por um N que representa uma variedade da actividade designada pelo lexema verbal:

- (27) a. *O João nada piscinas.
 b. *O João é nadador de piscinas.
 (28) a. O João nada bruços.
 b. O João é nadador de bruços.

¹³ Faz-se abstracção dos valores que têm de ser construídos em interdependência por marcadores de outras categorias, ou seja, por exemplo, esta afirmação é verdadeira no caso de coocorrência com o PPS.

No caso específico de (28a) a determinação de C_1 não é sujeita a qualquer tipo de variação. Este tipo de funcionamento é comum a ‘verbos fracamente transitivos’ (Franckel & Paillard, 1992).

A observação dos dados parece sugerir que a natureza da relação que se estabelece entre C_1 e o predicador verbal nestes casos difere significativamente da encontrada no caso dos Vpl *dar* e *pintar*.

Esta constatação tem sido, embora noutros termos, recorrentemente referida na literatura, nomeadamente, fazendo salientar os seguintes aspectos:

- o SN que instancia C_1 em (25a) parece corresponder à definição de uma distância, funcionando de forma análoga aos complementos de preço, peso, medida;
- estes complementos de distância ou de duração limitam aspectualmente o processo verbal, podendo alguns destes complementos ser glosados por um complemento circunstancial de tempo (Vassant, 1994).

Um outro obstáculo para assumir a generalização do paradigma de funcionamento apresentado em 1.1. pode ser ilustrado por exemplos como:

- (29) a. O João cantou uma canção.
 b. *O canto de uma canção pelo João aconteceu na minha casa.
- (30) a. O João dormiu um sono tranquilo.
 b. *A dormida de um sono tranquilo aconteceu na minha casa.¹⁴

Estes verbos são geralmente descritos como intransitivos, mas admitem uma classe restrita de objectos, habitualmente designados como objectos cognatos. Embora seja possível a construção de situações com uma formatação de tipo discreto, em (29a) e (30a), tal como acontece para o caso de *nadar*, também não admitem a ocorrência de uma nominalização formatada a partir de C_1 .

A formatação compacta da noção /cantar/, permite predicar sobre C_0 a propriedade /ser cantor/, mas no caso de *dormir* a nominalização ‘dormidor’ não parece desencadear o mesmo tipo de significação (apresentado como sinónimo de ‘dorminhoco’, ‘dormidor’ assume um valor de intensidade: ‘dormir em excesso’, ausente da significação de ‘cantor’).

No entanto, parece plausível considerar a existência de estratégias que possibilitam uma predicação sobre C_0 , como se observa nos exemplos (31):

- (31) a. O João dormiu um sono tranquilo.
 b. O João teve um sono tranquilo.

Em (31) a ocorrência do Vsup *ter* indica que a formatação da ocorrência é feita a partir de C_0 e não de C_1 .

De acordo com a descrição apresentada no ponto 1.1., seria de esperar que as situações com um funcionamento discreto, admittissem a construção de paráfrases com uma nominalização formatada a partir de C_1 , por um lado, e excluíssem, por outro lado, a nominalização sobre C_0 .

¹⁴ Aparentemente, o termo *dormida* pode ser entendido como sinónimo de ‘sono’ – ‘embalado pela música, mergulhou em dormida reparadora’ – (Houaiss, & Salles Villar, 2003), pelo que dificilmente poderia funcionar como paráfrase de (30a). Outras acepções apresentadas são: (i) ‘tempo durante o qual se dorme; período de sono’; (ii) ‘hospedagem ou pousada para pernoitar’.

Como vimos, os dados discutidos nesta secção não vêm confirmar essa expectativa. Particularmente, a situação construída em (31b) parece indicar que a formatação da ocorrência é feita a partir de C_0 , ao contrário do que acontece nos exemplos discutidos no ponto 1.1.¹⁵

2. Considerações finais

A discussão desenvolvida permite formular as seguintes observações:

- partindo do princípio de que as situações de tipo discreto são formatadas a partir de C_1 , deverá haver a possibilidade de constituir uma paráfrase com uma nominalização formatada a partir desse argumento;
- no caso de *dar* Vsup, independentemente da formatação de C_1 , é impossibilitada a ocorrência de nominalizações, o que parece sugerir a existência de relações diferenciadas entre o predicador verbal e os argumentos C_0 e C_1 , nos casos em que ocorre como Vpl ou Vsup;
- o contraste entre *pintar*, *odiar* e *nadar/cantar/dormir*, no que respeita ao funcionamento das nominalizações, pode ser interpretado tendo em conta a relação que se estabelece entre C_1 e predicadores verbais diferenciados;
- neste sentido, C_1 assume, de acordo com o predicador com que ocorre, valores semânticos distintos.

Retomando as palavras de Correia (neste volume), “Um dos factores responsáveis pela recategorização de entidades sob o ponto de vista semântico prende-se com a formatação diferenciada das ocorrências das noções, feita tendo como base um domínio nocional topologicamente definido (...) é esta definição topológica de ocorrências que permite formatá-las intrínseca ou extrinsecamente (...)”. Neste sentido:

- uma situação pode ser formatada a partir de C_1 , constituindo uma formatação intrínseca ou
- C_1 pode assumir o papel de um simples discretizador, constituindo uma delimitação extrínseca.

Esta breve discussão poderá ser entendida como um ponto de partida para a discussão do estatuto do objecto, nomeadamente no que respeita aos conceitos de objecto interno e de objecto externo.

¹⁵ Seria possível a ocorrência de ‘ter’ com uma nominalização com um funcionamento diferente do compacto ‘gosto’, em (i), mas nesses casos a interpretação seria mais próxima da posse do que da predicação de propriedade, dado que as nominalizações parecem ter a interpretação de ‘entidade resultante’:

- (i) O João tem bom gosto.
- (ii) O João tem construções lindíssimas.
- (iii) O João tem leituras interessantes sobre esse assunto. (tem opiniões ou análises publicadas em livros, artigos do próprio ou de outros).

Referências

- Brito, A. M. (1996) Algumas reflexões sobre a interface léxico-sintaxe. A propósito dos nomes e das nominalizações. In *Atas do 1º Congresso Internacional da Abralín*. Salvador: Baía, pp. 73-83.
- Brito, A. (2003) Categorias Sintáticas. In Mateus, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 323-432.
- Brito, A. & F. Oliveira (1997) Nominalization, Aspect and Argument Structure. In Matos, Miguel, Duarte & Faria (orgs.) *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisboa: APL e Colibri, pp. 57-80
- Campos, M. H. C. (1997) *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Correia, C. N. (2002) *Estudos de determinação. A operação de quantificação-qualificação em Sintagmas Nominais*. Lisboa: FCG/FCT.
- Correia, C. N. & M. H. C. Campos (2003) Construções com *dar/fazer SN* em português europeu. In *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro.
- Culioli, A. (1991-92) Structuration d'une notion et typologie lexicale. A propos de la distinction *dense, discret, compact*. *BULAG* 17, pp. 7-12.
- Franckel, J.-J., D. Paillard & S. de Vogüé. (1988) Extension de la distinction discret, dense, compact au domaine verbal. In David, J. & G. Kleiber (eds.) *Termes Massifs et Termes Comptables*. Paris: Klincksieck, pp. 239-247.
- Franckel, J.-J. & D. Paillard (1992) Objet: construction et spécification d'occurrences. *Le Gré des Langues* 4, pp. 29-43.
- Gross, G. (1993) Les passifs nominaux. *Langages* 109, pp. 103-125.
- Houaiss, A. & M. Salles Villar (2003) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.
- Larjavaara, M. (2000) *Présence ou absence de l'objet. Limites du possible en français contemporain*. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.
- Mourelatos, A. (1978) Events, Processes and States. *Linguistics and Philosophy* 2, pp. 415-434.
- Pereira, S. (1999) Delimitação do conceito de objecto. *Seminários de Linguística* 3. Unidade de Ciências Exactas e Humanas, Universidade do Algarve, pp. 107-126.
- Vassant, A. (1994) Le complément d'objet direct: essai d'étude syntaxique et sémantique. *Le Gré des Langues* 7, pp. 22-47.
- Vilalva, A. (2000) *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCG/MCT.
- de Vogüé, S. (1989) Discret, dense et compact: les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale. In J.-J. Franckel (dir.) *La notion de Prédicat*. Université Paris 7: U.F.R.L., pp. 1-37.
- de Vogüé, S. (1991) La Transitivité comme question théorique: querelle entre la Théorie des Positions de J.C. Milner et la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives d' A. Culioli. *Sur la Transitivité dans les langues, LINX* 24, pp. 37-65.